



A ESCRITA DE SI DE ANAYDE BEIRIZ: TÁTICAS DE RESISTÊNCIA, CONTORNOS DE LIBERDADE

Marcilene Pereira Barbosa ¹

O corpo aqui observado é o da professora e escritora Anayde de Azevedo Beiriz (Parahyba do Norte, 18 de fevereiro de 1905 — Recife, 22 de outubro de 1930), que diplomou-se pela Escola Normal em 1922, com apenas 17 anos, destacando-se como primeira aluna da turma. Logo que se formou, conseguiu um emprego e passou a ensinar na Escola da Colônia de Pescadores Z-2, em Cabedelo.²

Apesar de ter uma origem modesta, sendo filha da sertaneja Maria Augusta e José Costa Beiriz - um gráfico do jornal “A União”, as amizades construídas na Escola Normal, aliadas ao cultivo das letras, permitiram-lhe frequentar rodas da sociedade, comparecendo às tertúlias e saraus denominados “lítero-dançantes”, realizados periodicamente em residências das personalidades da época. Em 1925, foi a vencedora de um concurso de beleza promovido pelo Correio da Manhã. Chamava a atenção os seus olhos de cor negra, que lhe valeram o apelido, em seu círculo de amizades, de “*a pantera dos olhos dormentes*”, além disso, foi uma das integrantes do grupo literário paraibano de influências modernistas, conhecidos como *Os Novos*, sendo entre eles a única mulher.

Para a mentalidade conservadora da sociedade brasileira à época, particularmente na Paraíba, Anayde não era uma mulher bem vista por causa das ideias progressistas que alimentava: como poetisa, participava ativamente do movimento intelectual, envolvida em acontecimentos artísticos e frequentando saraus literários, vale ressaltar que nesse período o modernismo crescia e multiplicava-se pelo país e a sociedade paraibana vivenciava esse cenário de transformações sociais e culturais; como cidadã, defendia a participação das mulheres na política, em uma época em que sequer podiam votar.

Anayde ousava em sua aparência, vestindo roupas decotadas, usando rouge e batom, saindo à rua desacompanhada e apresentando um corte de cabelo “*à la garçonne*”, o qual é visto como o símbolo desse tempo moderno, diz-se que a mesma lançou moda, rompendo as barreiras impostas

¹ Graduada em História pela Universidade Estadual da Paraíba. E-mail para contato: marcilene.mpb@hotmail.com. Foi bolsista do PIBIC/CNPq - cota 2008/2009, tendo participado do projeto de pesquisa intitulado “Gênero e Sexualidade na Escrita de Si de Anayde Beiriz (1920-30)”, sob orientação da prof^a. Dr^a. Alômia Abrantes da Silva, o qual foi premiado como sendo um dos melhores trabalhos da sua área. Autora do trabalho de conclusão de curso (TCC), intitulado: **A Escrita de Si de Anayde Beiriz: tecendo corporeidades e subjetividades.**

² Algumas das fontes documentais que falam sobre Anayde Beiriz e seu meio social. In: ARANHA, Marcus. **Anayde Beiriz: Panthera dos olhos dormentes.** João Pessoa: Manufatura, 2005 / JOFFILY, José. **Anayde: paixão e morte na Revolução de 30.** Rio de Janeiro: Record, 1983.



ao sexo feminino na década de 1920, sendo até mesmo considerada como precursora do movimento feminista no Brasil na Primeira República.

Foi jornalista colaboradora da “*Revista da Cidade*”, no Recife, publicou alguns de seus escritos na revista “*Era Nova*”, editada na Parahyba por Severino de Lucena, e na “*Revista da Semana*”, a primeira na imprensa alternativa paraibana e identificada com o movimento modernista³. Todavia, foram os seus relacionamentos amorosos, que lhe garantiram a vigilância do seu corpo perante o seu meio social.

Adquiriu uma maior visibilidade na História da Paraíba, devido as tramas políticas e morais que culminaram com o evento conhecido como “Revolução de 1930”, sua imagem encontra-se vinculada a do seu namorado João Dantas, advogado e jornalista que assassinou o presidente do Estado – João Pessoa, em 1930. Todavia, em 2005, no centenário de seu nascimento, uma série de homenagens foram feitas, entre as quais, destacando-se o lançamento do livro “*Anayde Beiriz: panthera dos olhos dormentes*”, esse material até então era inédito, é composto por sessenta cartas trocadas entre ela e um namorado anterior a Dantas, Heriberto Paiva, estudante de medicina, que residia no Rio de Janeiro. Tal correspondência, transcrita por ela numa espécie de diário daquele romance à distância entre agosto de 1924 até setembro de 1926, intituladas como “*Cartas do Meu Grande Amor*”; foram guardadas por sua família e, por ocasião dessa data, foram publicadas e organizadas pelo médico e escritor Marcus Aranha.

Tecendo faces, tecendo carnes

A imagem de Anayde vem sendo construída através de intensos debates na imprensa e na produção historiográfica do Estado, inclusive em produções artísticas, a partir de 1980, com a publicação do livro “*Anayde: paixão e morte na Revolução de 30*”, em que o autor José Joffily tenta “quebrar o silêncio” acerca de Anayde e dos eventos da história oficial do Nêgo. Contudo, é perceptível a vontade exacerbada pelo apego a ideia de verdade, a produção é feita através de certo restabelecimento da imagem fixa de uma “heroína” injustiçada. Sobretudo, ela é colocada como vítima de uma sociedade “hipócrita”, “conservadora”, que maqueara a verdade para preservar a memória de João Pessoa, ou seja, ainda visualizamos uma Anayde protagonista para os perrepietas e para os liberais apenas uma figurante.⁴

³ Ver JOFFILY, José. **Anayde: paixão e morte na Revolução de 30**. Rio de Janeiro: Record, 1983.

⁴ SILVA, Alômia Abrantes da. **Paraíba Mulher-Macho: Tessituras de Gênero, (Desa)firos da História**. 2008. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, p. 179-231.



O referido livro de Joffily (1980), foi utilizado como fonte para a produção cinematográfica do filme “*Paraíba Mulher Macho*”, dirigido por Tizuka Yamazaki, lançado em 1983. A película retrata uma Anayde inteiramente sensual, de práticas libertárias, principalmente no campo da sexualidade e essa identidade não agradou aos familiares da mesma, pois os mesmos moveram uma ação contra a cineasta, aliás, a inquietude foi sentida por muitos historiadores e políticos que, na Paraíba, se encarregam de manter atualizada a memória heróica de João Pessoa e as ideias relacionadas a história oficial de 1930.⁵

A marca da inquietude parece carimbar os lugares por onde os corpos de Anayde Beiriz transitaram, vale ressaltar que quando falo em corpos, parto do princípio que a mesma durante essas (des)construções de imagens presentes na historiografia acerca de sua identidade, acabou adquirindo formas distintas de corporeidades, os quais passam pelo filtro de uma vigilância pautada pela disciplina, que substitui o velho princípio “retirada-violência” que regia a economia do poder pelo princípio “suavidade-produção-lucro”, como nos diz o filósofo Michel Foucault (1999, p. 240):

Nossa sociedade não é de espetáculos, mas de vigilância; sob a superfície das imagens, investem-se os corpos em profundidade; atrás da grande abstração da troca, se processa o treinamento minucioso e concreto das forças úteis; os circuitos da comunicação são os suportes de uma acumulação e centralização do saber; o jogo dos sinais define os pontos de apoio do poder; a totalidade do indivíduo não é amputada, reprimida, alterada por nossa ordem social, mas o indivíduo é cuidadosamente fabricado, segundo uma tática das forças e dos corpos. Somos bem menos gregos que pensamos. Não estamos nem nas arquibancadas nem no palco, mas na máquina panóptica, investidos por seus efeitos de poder que nós mesmos renovamos, pois somos suas engrenagens.⁶

Os discursos são engrenagens em constante movimento que constrói e desconstrói inúmeras narrativas sobre Anayde. O corpo da mesma passa por vários processos de nomeações, os quais o denominam como: libertina, mulher-macho, dodivana, santinha, pantera, amante, entre outros. “A nomeação é, ao mesmo tempo, o estabelecimento de uma fronteira e também a inculcação repetida de uma norma” (BUTLER *apud* LOURO, 2001, p.161). Todavia, todas as funções atribuídas, seja na esfera pública ou privada, “brincam” com a sua sexualidade.

As missivas aqui analisadas são territórios de publicização de suas vivências, um espaço em que ela fala e reage, no qual ela demonstra suas insatisfações e vontades. É válido ressaltar o que Alômia Abrantes da Silva (2008) explica em sua tese de doutorado em História - *Paraíba Mulher-Macho: Tessituras de Gênero, (Des)afios da História*, que comumente existe a tendência de se pensar na escrita pessoal como uma manifestação do “eu” mais verdadeiro, contudo, se esta é

⁵ Ibidem.

⁶ Sobre o conceito de panoptismo consultar FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**; tradução de Raquel Ramallete. 20ª ed. Petrópolis, Vozes, 1999. p. 219-334



tomada para uma análise histórica, não se pode deixar tragar pelo confortável desejo de que se tem ali uma pessoa revelada, entregue numa prática que, por ser íntima, é destituída de artimanhas, táticas das tramas de uma micropolítica, que tecem sua historicidade. E procurar marcar a leitura com estas percepções tampouco é colocar em xeque a sinceridade do outro, daquele que escreve, fazer juízos de valoração:

[...] As cartas têm seu destino e é em relação a este que o remetente se mostra, portanto, se faz; esta escrita é uma produção de si, passa por uma seletividade de palavras, de imagens, que não ocupam um lugar aleatório na composição da face e do corpo de quem escreve. É também uma tessitura feita numa rede de linguagens, que põe em funcionamento signos interessados, artífices de um jogo de saber e poder sempre dinâmicos (SILVA, 2008, p. 192).

E nessa escrita pessoal marcada pelo sigilo e por um pacto de confiança comum à essa prática, acabo pontuando algumas “violentações” que fazem sobre a imagem da mesma, percebo que a peça forte desse jogo é a honra. Uma honra que cora sua face, que veste e que desnuda o seu corpo e que sempre a faz andar sobre uma corda bamba, denominada pudor. Uma corda que parece ser feita de um material cortante, pois marca suas memórias, suas ideias e seus desejos.

Ângela de Castro Gomes (2004) pontua este tipo de escrita, também chamada auto-referencial, como integrante de “um conjunto de modalidades do que se convencionou chamar de produção de si, no mundo ocidental”⁷, que por sua vez engloba uma variedade de práticas, desde as mais diretamente ligadas à escrita de si, como as autobiografias e diários, até o recolhimento de objetos materiais, como fotos, cartões, objetos do cotidiano, que passam a constituir uma memória de si. Tais práticas culturais ganharam sentidos específicos com a emergência do individualismo ‘moderno’ em sobreposição a uma lógica coletiva, regida pela tradição; momento em que o indivíduo postula uma identidade singular para si no interior do todo social, afirmando-se como valor distinto e constitutivo desse mesmo modo.

Ainda de acordo com esta historiadora, no caso da escrita de cartas pessoais, sua expansão corresponde ao processo de privatização da sociedade ocidental, com a construção de novos códigos que permitiram o estabelecimento de uma “intimização” da sociedade. Os usos destes códigos possibilitam uma espontaneidade na expressão de sentimentos como a amizade e o amor, que têm na escrita de cartas sua forma mais emblemática, com a particularidade de serem dirigidas a outrem, a um destinatário:

Assim, tal como outras práticas de escrita de si, a correspondência constitui, simultaneamente, o sujeito e seu texto. Mas, diferentemente das demais, a correspondência tem um destinatário específico com quem vai se

⁷ Consultar o prólogo da coletânea GOMES, Ângela de Castro (Org.). **Escrita de si, Escrita da História**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.



estabelecer relações. Ela implica uma interlocução, uma troca, sendo um jogo interativo entre quem escreve e quem lê — sujeitos que se revezam, ocupando os mesmos papéis através do tempo. Escrever cartas é assim “dar-se a ver”, é mostrar-se ao destinatário, que está ao mesmo tempo “sendo visto” pelo remetente, o que permite um tête-a-tête, uma forma de presença (física, inclusive) muito especial (GOMES, 2004, p.19).

As cartas trazem indícios de que, embora sendo considerada uma mulher ousada para a época, Anayde manteve em sua escrita amorosa um traço marcante de uma mulher devota ao amor e, mesmo já convivendo com a imagem de transgressora, a mesma não deixa de pontuar em suas linhas o discurso normatizador que prevalecia no seu meio social:

[...] Mas não me julgues por isto diferente das outras mulheres; há, em todas nós o mesmo instinto, a mesma animalidade primitiva, desenfreiada, numas, pela grosseria e desregramento dos apetites; comtida, nobremente, em outras, pelas forças victoriosas da intelligencia, da vontade, superiormente dirigida pela delicadeza innata dos sentimentos ou pelo poder selectico e dignificador da cultura. Não amamos num homem apenas a plástica ou o espírito: amamos o todo. Sim, meu Hery, nós, as mulheres, não temos meio terno no amor; não amamos as linhas, as formas, o espírito ou essa alguma cousa de indefinível que arrasta vocês, homens, para um ente cuja posse é para vocês um sonho ou raia às lides do impossível. Não, meu Hery, não é assim que as mulheres amam. Amam na plenitude do ser e nesse sentimento concentram, por vezes, todas as forças da sua individualidade physica ou moral...⁸

Contudo, essa escrita tem como base interesses pessoais, muito íntimos e afetivos, pois o destinatário dessas epístolas era Hery, ou seja, a pessoa que ela idealizava em seus sonhos como sendo o seu futuro esposo. Embora Anayde Beiriz posicione as mulheres em um mesmo território, fazendo com que as mesmas sejam narradas como tendo uma animalidade primitiva e desenfreiada, logo em seguida, ela frisa que o “*poder selectico e dignificador da cultura*” é a única coisa que as diferencia, ou seja, um corpo educado e/ou disciplinado é um corpo útil. Mary Del Priore analisa que as características da mulher normal perante as padrões deveria ser:

A mulher tinha de ser naturalmente frágil, agradável, boa mãe, submissa e doce etc. as que revelassem atributos opostos seriam consideradas seres antinaturais. Partia-se do princípio de que, graças à natureza feminina, o instinto materno anulava o instinto sexual e, conseqüentemente, aquela que sentisse desejo ou prazer sexual seria inevitavelmente, anormal (PRIORE, 2006, p. 208-209).

O amor sempre é contextualizado nas cartas de Beiriz como algo casto e doce, o qual deve ser separado dos desejos efêmeros, o sentimento ideal e verdadeiro não deve ser fugaz, mas quando sente que sua vida será compartilhada com Heriberto, o que fica registrado são outras faces, são outras carnes:

... Não me creias uma mulher romântica, piedosa, dessas que amam pacífica e sinceramente, mas sem intensidade e sem ardor, essas mulheres que sabem ser esposas, sabem ser mães, mas não sabem ser amantes. Talvez preferisses que eu fosse desse numero e se eu quizesse poderia parecer-te sempre assim, mas eu não desejo enganar-te. Se chegar algum dia a ser tua, encontrarás em mim, a esposa, a mãe, a amiga, a irmã e,

⁸ Trecho de carta de Anayde Beiriz para Heriberto Paiva em 04 de Julho de 1926. (ARANHA, 2005, p. 143).



*mais que tudo isso, encontrarás a amante, a mulher. Sei que não é bonito isso que te estou a dizer, mas a confiança que tenho em ti leva-me a falar-te deste modo [...]*⁹

No mover de sua narrativa podemos visualizar o deslocamento do seu corpo, a sua escrita também é uma construção de si. Nesse fazer-se e desfazer-se, a mesma entra em vários campos de experimentações. Observo nessa passagem que a mesma não quer ser apenas **a esposa, a mãe, a amiga, a irmã**, o desejo de ser **a amante e a mulher** atravessam as suas linhas, porém, quando percebe que pode está atravessando essa linha tênue da normatividade e da transgressão, a mesma diz que a sua forma de “revelar-se” pode não ser bonito, mas tudo isso torna-se permissível, porque a mesma têm confiança no seu amado.

Os não ditos rondam as políticas de contenção de seus desejos, mesmo que os ares da modernidade tragam consigo uma figura feminina simbolizada pela combatividade, independência, força e uma luta pela transformação da realidade cotidiana, tanto a partir da própria presença, quanto pelas suas projeções, o modelo da tradicional representação da mulher-submissão caminha lado a lado com essa nova imagem:

O dever ser das mulheres brasileiras nas três primeiras décadas do século foi, assim, traçado por um preciso e vigoroso discurso ideológico, que reunia conservadores e diferentes matizes de reformistas e que acabou por desumanizá-las como sujeitos históricos, ao mesmo tempo que cristalizava determinados tipos de comportamento convertendo-os em rígidos papéis sociais. “A mulher que é, em tudo, o contrário do homem”, foi o bordão que sintetizou o pensamento de uma época intranquila e por isso ágil na construção e difusão das representações do comportamento ideal, que limitaram seu horizonte ao “recôndito do lar” e reduziram ao máximo suas atividades e aspirações, até encaixá-la no papel de “rainha do lar”, sustentada pelo tripé mãe-esposa-dona de casa (MALUF; MOTT, 1998, p.373).¹⁰

A Parahyba do Norte, tal como outras cidades brasileiras na década de vinte, conferia uma maior visibilidade positiva ao movimento da figura feminina pelas ruas, mas não podemos deixar de pontuar que o signo da ameaça instala-se quando a temática envolve os corpos femininos, como bem ressalta Durval Miniz de Albuquerque Jr.:

Os homens, ao não conseguirem mais atualizar a masculinidade tal como ela descrita e vivenciada pelas antigas gerações, fazem com que o feminino pareça se alastrar ameaçadoramente para além das fronteiras a que estava adstrito nos códigos anteriores. A ameaça feminina aos antigos espaços e relações adstritas aos homens aparece como uma angústia e ansiedade crescentes nos artigos de jornais do começo do século. O medo do alastramento do feminino, sustentáculo da ruptura das fronteiras em que este estava limitado, é vivido como o sinal dos tempos, como o fim dos verdadeiros homens, varões que eram o sustentáculo material e moral da sociedade.¹¹

⁹ Trecho de carta de Anayde Beiriz para Heriberto Paiva em 29 de Setembro de 1925. (ARANHA, 2005, p. 71).

¹⁰ Ver *Recônditos do mundo feminino* – Marina Maluf e Maria Lúcia Mott. In: **História da Vida Privada no Brasil 3: República: da Belle Époque à Era do Rádio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p.367-421.

¹¹ ALBUQUERQUE JÚNIOR. Durval Muniz. *No Ceará tem disso não?: Homossexualismo e nordestinidade ou a história dos homens tristes*. In: SILVA, Alômia Abrantes da. **As Escritas do Feminino e os Femininos inscritos: imagens de mulheres na imprensa parahybana (1920)**. 2000. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Pernambuco, Recife. p. 27.



As regras dessa construção de feminilidade (e falo aqui numa linguagem tanto simbólica como literal) exigem que as mulheres aprendam como alimentar outras pessoas, não a si próprias, e que considerem como voraz e excessivo qualquer desejo de auto-alimentação e cuidado consigo mesmas. Assim, exige-se das mulheres que desenvolvam uma economia totalmente voltada para os outros. Na medida em que elas penetram em áreas profissionais, também precisam aprender a incorporar a linguagem e os valores “masculinos” desse âmbito – autocontrole, determinação, calma, disciplina emocional, domínio etc.¹²

Evidentemente, esses dilemas são vividos de forma diferente, dependendo da classe, da idade e de outros aspectos, mas essa ameaça feminina fica desenhada nas linhas confeccionadas por Heriberto, quando ele fala sobre a participação de Anayde no grupo dos Novos:

... Não acreditarás? Serão, sem dúvida, os “Novos” que te querem separar de mim? Preferes a amizade deles? Não, Anayde, eu não o creio, disseste-me uma vez que o teu coração não ama duas vezes, e, eu bem sei que há entre nos uma união espiritual que nunca poderá ser desfeita.
Mas, Anayde querida, o amor está em primeiro plano, muito acima do dever. Esqueça um pouco os “Novos” e escreva-me com mais brevidade. Perdoa-me o que te digo; são phrases do coração a que não posso calar.
Amo-te tanto, tanto, querida, que às vezes idealizo em ti, uma divindade. Vivo pensando em ti e anseio pelo dia feliz em que hei de beijar-te, em que hei de sentir o teu hálito fresco e perfumado bafejar-me o rosto, em que hei de unir-me a ti de corpo e alma, amparando pela benção divina.
Quando penso que ainda este anno não te poderei ver; não te posso amar mais de perto, sinto-me mau, destituído de coração contra aquelles que nos fazem soffrer.
Mas, infelizmente é muito acertado o lemma:
“Um dia depois do outro, é a melhor obra da Natureza.”
Adeus, querida, vou terminar, pois não sei mais o que escrevo.
Beija-te nos lábios, saudoso, o teu
Hery.¹³

A preocupação nesse trecho é revestida pelo ciúme, considero que estes espaços são moralmente tidos como lugares da ameaça. Heriberto Paiva interroga Anayde Beiriz sobre essa sua nova prática e nesse jogo de denúncias que pedem renúncias o mesmo passa a se preocupar com a circulação do corpo de sua amada, como já foi dito, aquele ambiente ainda era extremamente masculino.

O mesmo recorre ao amor para poder solidificar as suas reclamações e passa a comparar Anayde à uma divindade, ou seja, o corpo da mesma é pontuado como algo sagrado. Imediatamente, ele passa a narrar seu desejo de compartilhar sua vida com sua amada, mas tudo isso só acontecerá com a benção divina – o casamento. O fato de não poder está junto fisicamente e

¹² Sobre essa nova linguagem do corpo feminino consultar BORDO, Susan R. *O corpo e a reprodução da feminidade: uma apropriação feminista de Foucault*. In: **Gênero, corpo, conhecimento** / Alisson M. Jaggar; Susan R. Bordo [editoras]; tradução de Brita Lemos de Freitas. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997, p. 26.

¹³ Trecho de carta de Heriberto Paiva para Anayde Beiriz em 30 de julho de 1925. (ARANHA, 2005, p.58)



poder “controlar” com seus próprios olhos o transitar de sua namorada parece angustiar Hery e é através das palavras escritas nas missivas que ele reforça o lugar de prioridade dos planos que sua futura esposa deveria seguir, pois as demais atividades são de carácter secundário. Ao receber essa carta Anayde rapidamente responde:

[...] Perguntas-me se prefiro a amizade dos “Novos” ao teu amor? Estás louco, meu Hery? Accaso, existe para mim, alguma cousa comparável ao teu affecto? De certo que não.

Para provar-te que acima de tudo, colloco e collocarei o teu amor e para que entre mim e ti não exista nunca a sombra ou um dúvida por pequena que seja, eu abandonei os “Novos”; no próprio dia em que recebi a tua carta, despedi-me d’elles sem pesar e sem saudades. Reluctaram, pediram-me que desistisse do meu propósito, mas mantive-me inabalável.

Pretextei um incomodo qualquer, disse-lhe que o médico me recommendara repouso, que eu não deveria dansar, etc. Fiz-lhes, porém, a promessa de continuar a colaborar no **O Jornal**. Dizendo-lhes que não passava bem de saúde não menti, pois tenho andado ultimamente adoentada.

Tens pois, meu Amor, novamente tua, bem tua, pensando somente em ti, vivendo somente para ti... Estás satisfeito?

Se soubesse como te amo!... Como gosto de ti, muito, muito, meu Hery...

Da tua, que te adora,

Anayde.¹⁴

A sua resposta corresponde ao anseios do amado, como já pontuei, a mulher moderna poderia participar de outras esferas, mas a mesma não deveria esquecer que o seu papel primordial ainda continuava sendo o da guardiã da casa, da família e do amor. Abdicar do convívio dos Novos não pode ser pontuado aqui como uma forma de submissão, pelo contrário, a mesma recorre a um campo de estratégia para poder circular nos dois terrenos, ela abandona os saraus, mais não deixa de participar dos jornais, ou seja, a sua escrita ainda continua sendo uma ação ativa e produtiva.

Embora Anayde Beiriz seja nomeada por inúmeras rotulações, podemos perceber que sua corporeidade não fica passiva perante a esse processo. Os ditos e os não ditos da mesma, passam por uma malha discursiva empregada por estratégias e interesses, em todo instante, Anayde em nenhum segundo deixa de ser a protagonista de suas histórias, pois os seus silêncios e recuos estão entrelaçados à territórios micropolíticos que nos oferece inúmeras subjetividades e corporeidades. E mesmo que as regras tentem separar os indivíduos em grupos e ações, encontramos nesse “refúgio do eu” um local em que o corpo tem contato com suas outras epidermes, embora o discurso biológico insira o sujeito na condição uno de ser, analiso que as identidades se modificam de acordo com suas vivências e/ou experiências.

Bibliografia

¹⁴ Trecho de carta de Anayde Beiriz para Heriberto Paiva em 10 de agosto de 1925. (ARANHA, 2005, p. 59-60)



ARANHA, Marcus. **Anayde Beiriz: Panthera dos olhos dormentes**. João Pessoa: Manufatura, 2005.

BARBOSA, Marcilene Pereira. **Gênero e sexualidade na escrita de si de Anayde Beiriz**. 2009. Relatório Final (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC/CNPq) – Universidade Estadual da Paraíba. Orientação Prof^a Alômia Abrantes da Silva. Guarabira.

_____. **A Escrita de Si de Anayde Beiriz: tecendo corporeidades e subjetividades**. 2010. 53p. Monografia (Curso de Licenciatura Plena em História), Centro de Humanidades – Campus III – UEPB. Orientação Prof^a Alômia Abrantes da Silva. Guarabira.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**; tradução, Renato Aguiar. – 2^a ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**; tradução de Raquel Ramallete – 20^a ed. - Petrópolis, Vozes, 1999.

_____. **História da Sexualidade**. Rio de Janeiro: Graal, 1982. vols. I, II, III.

GOMES, Ângela de Castro (Org.). **Escrita de si, Escrita da História**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

JAGGAR, Alisson M.; BORDO, Susan R. (Orgs.). **Gênero, corpo, conhecimento**; tradução de Britta Lemos de Freitas. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997.

JOFFILY, José. **Anayde: Paixão e morte na Revolução de 30**. João Pessoa: A União, 1980.

LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**; Tradução Tadeu da Silva – 2^a ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

NOVAIS, Fernando A.; SEVCENKO, Nicolau (Orgs.). **História da vida privada no Brasil 3: República: da Belle Époque à Era do Rádio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVA, Alômia Abrantes da. **As Escritas do Feminino e os Femininos inscritos: imagens de mulheres na imprensa parahybana (1920)**. 2000. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

_____. **Paraíba Mulher-Macho: Tessituras de Gênero, (Desa)fiões da História**. 2008. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

PRIORE, Mary Del. **História do Amor no Brasil**. 2^a ed. – São Paulo: Contexto, 2006.

PARAHYBA Mulher Macho. Direção: Tizuka Yamazaki. Intérpretes: Tânia Alves, Cláudio Marzo, Walmor Chagas, Grande Otelo e grande elenco. Embrafilme: Brasil, 1983. 83 minutos.